



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA –
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELIEZER PANTOJA GONÇALVES

**A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DE UM EDUCADOR: REFLEXÕES DA
INFANCIA AO ENSINO SUPERIOR**

GURUPÁ- PARÁ
2023

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ – REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Eliezer Pantoja Gonçalves

**A TRAJETÓRIA DE FORMACAO DE UM EDUCADOR: REFLEXÕES DA
INFANCIA AO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, do *Campus* Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professor orientador: MSC. Marconde Ávila Bandeira

GURUPÁ – PARÁ
2023

**A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DE UM EDUCADOR: REFLEXÕES DA
INFANCIA AO ENSINO SUPERIOR**

Elaborado por

ELIEZER PANTOJA GONÇALVES

Como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia

Apresentado em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSC. Marconde Ávila Bandeira (Orientador)

Prof.
Dr. Luiz Carlos Bezerra (Membro da Banca Examinadora)

Profa. MSC. Raimunda do Socorro (Membro da Banca Examinadora)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu força e sabedoria para vencer mais uma etapa da minha vida. À minha família pelo apoio e incentivo e a todos aqueles que contribuíram para a conquista deste sonho que está sendo concretizado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conduzir nos caminhos da verdade, da fé, do amor e pela força divina, concedida a mim nos momentos de dificuldades.

A minha família que nunca me abandonaram nos momentos em que mais precisei deles.

A minha esposa Hellen Daiane da Silva Gonçalves, que teve paciência e compreensão na minha ausência.

A meu filho Heitor Gonçalves Gonçalves, que não teve com quem brincar nas horas que mas precisou de mim.

Aos meus colegas de turma, pelo apoio nos momentos difíceis e pela contribuição inesperada

A todos os professores que mesmo sendo pago para ensinar os alunos do programa de formação aos professores, tem muita paciência com todos os alunos, e traz com sigo não só a experiência que já tem na carreira, mas sim estratégias que compartilham com todos nós alunos.

Em especial a professora Dienne Marly de Souza Pontes e Aline da Paixão Furtado, que além de compartilhar seus conhecimentos trocaram tranquilidade para todos nós da turma.

É fundamental que, na prática da formação docente o aprendiz de educador assume que, o indispensável pensar certo não é presente de deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o processo formador. A educação é uma forma de intervenção no mundo”, entende ser que a formação continuada dos professores, é o caminho na busca de novos conceitos, novas tecnologias para uma formação de melhor qualidade.

Paulo Freire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. AS MEMÓRIAS DA INFANCIA.....	12
2. ENSINO FUNDAMENATAL.....	17
3. ENSINO MÉDIO.....	19
4. TRAJETÓRIA DOCENTE: EXPERIÊNCIA NO MULTISSERIADO.....	20
5. O ENSINO SUPERIOR: SONHO VIRA REALIDADE.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DE UM EDUCADOR: REFLEXÕES DA INFANCIA AO ENSINO SUPERIOR

Eliezer Pantoja Gonçalves¹

Resumo:

Esta pesquisa construída em forma de memorial acadêmico, aborda sobre a educação do campo. O questionamento que moveu esta pesquisa foi: quais os fatores relacionados a educação no campo afastam o sujeito camponês ribeirinho da sala de aula? Como acontece a formação dos professores que atuam nas escolas ribeirinhas? Traçando os seguintes objetivos: refletir sobre a educação ofertada ao povo ribeirinho e os fatores que os afastam da sala de aula, fazendo com que muitos não concluam nem mesmo o Ensino Fundamental. E, como objetivos específicos: Identificar as razões pelas quais muitos alunos ribeirinhos não conseguem concluir as etapas da Educação Básica; Descrever as metodologias utilizadas pelos professores que atuam nas escolas ribeirinhas; refletir sobre a formação inicial de professores que atuam na educação ribeirinha do Município de Gurupá - Pará. A metodologia escolhida foi uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica e a bibliográfica, pois nos possibilita realizar análises reflexivas entre as abordagens teóricas e as experiências vividas, com abordagem qualitativa, para referendar teoricamente este trabalho, estarei utilizando as abordagens de alguns autores como: Freire (1987, 1996) e Hage (2010). Estando estruturado em cinco capítulos, finalizando com as considerações a respeito dos achados da pesquisa em que pude concluir que, apesar da educação ser um direito de todos, validado pelos documentos oficiais, que trazem como obrigação do estado o acesso e a permanência do aluno na escola, que não podemos atribuir somente ao professor os problemas da educação do campo. Porém, sua formação e conseqüentemente sua atuação de forma direcionada aos sujeitos camponeses poderia amenizar as dificuldades na construção da aprendizagem desse alunado. Sendo assim, que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber.

Palavras-chave: Educação do campo; Formação de professores; Ribeirinhos; Gurupá- Pará.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2019), Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Faculdade de Educação, *Campus* Universitário de Altamira Universidade Federal do Pará. E-mail: eliezerpg1992@gmail.com

TRAINING PATH OF AN EDUCATOR: REFLECTIONS FROM CHILDHOOD TO HIGHER EDUCATION

ABSTRACT

This research, constructed in the form of an academic memorial, addresses rural education. The question that moved this research was: what factors related to education in the countryside distance the riverside peasant subject from the classroom? How does the training of teachers who work in riverside schools happen? Tracing the following objectives: to reflect on the education offered to the riverside people and the factors that keep them away from the classroom, causing many not to complete even Elementary School. And, as specific objectives: Identify the reasons why many riverside students are unable to complete the stages of Basic Education; Describe the methodologies used by teachers who work in riverside schools; reflect on the initial training of teachers who work in riverside education in the municipality of Gurupá - Pará. The methodology chosen was a descriptive autobiographical and bibliographic research, as it allows us to carry out reflective analyzes between theoretical approaches and lived experiences, with a qualitative approach, to theoretically endorse this work, I will be using the approaches of some authors such as: Freire (1987, 1996) and Hage (2010). Being structured in five chapters, ending with considerations regarding the findings of the research in which I was able to conclude that, despite education being a right for all, validated by official documents, which bring as a state obligation the access and permanence of the student in school, that we cannot attribute the problems of rural education to the teacher alone. However, their training and consequently their performance in a way directed to peasant subjects could alleviate the difficulties in building the learning of these students. Therefore, this practice should be centered on enforcing the construction of knowledge.

Keywords: Rural education; Teacher training; Riverside; Gurupá - Pará.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi construída em forma de memorial acadêmico, para refletir sobre educação no campo através dos relatos da trajetória de um ribeirinho para se tornar pedagogo, abordando os desafios que os sujeitos do campo precisam superar para ter acesso à educação. Como campeano/ribeirinho, estarei relatando minha trajetória de vida, trazendo lembranças desde minha infância, tipicamente ribeirinha, até chegar a Universidade Federal do Pará, através do Plano Nacional de Formação de Professores, vislumbrando conquistar um diploma em nível superior, sonho que para nós, campesinos, ainda nos dias atuais, é uma realidade distante.

O interesse em escrever sobre minha trajetória surgiu a partir do entendimento de que o povo ribeirinho até bem pouco tempo era negligenciado pelo poder público, haja vista que as políticas públicas que garantem os direitos básicos aos cidadãos pouco chegavam até nós. Hoje conseguimos perceber algumas mudanças que apesar de pouca e insuficientes para suprir nossas necessidades, foram resultado de muitas lutas para que nosso povo fosse “visualizado” pela sociedade, como um povo que precisa ter suas características e sua cultura respeitadas, ainda não temos uma educação que nos possibilite estudar e permanecer no local onde vivemos até a conclusão das etapas básicas, produzimos e reproduzimos história.

Todavia a necessidade de sobrevivência, obriga meninos e meninas a deixar a escola, sem concluir os estudos para ajudar na subsistência a família com o plantio, a colheita, a pesca e os serviços domésticos. Muitos jovens do campo, quando desejam dar continuidade nos estudos, sentem desde muito cedo a responsabilidade em ter que escolher, entre ajudar no sustento da família e sair da escola ou suportar a fome e o cansaço provocado pelo esforço de longas caminhadas ou horas remando, sem nem mesmo saber se conseguirá chegar até lá com as roupas secas, caso contrário não seria permitido assistir aula.

Um fato que me chama bastante atenção, pois acredito que enquanto educadores do campo precisamos estar conscientes da realidade desses sujeitos, que se diferencia dos alunos da cidade em muitos aspectos, como: sociais, culturais e econômico.

A possibilidade de utilizar a minha própria história foi muito relevante para os resultados obtidos, uma vez que assim pude mostrar que a educação que chega até nós está longe de ser aquela que temos direito, mas que é possível mudar essa realidade imposta por um sistema cada dia mais excludente, que precisa manter o povo na condição de oprimido para garantir sua

posição de opressor, que é buscando conhecimento e através dele mostrar para as próximas gerações que não somos um povo “inferior” porque moramos nos interiores afastados das cidades.

Nesse tocante é importante dizer que, o termo oprimido utilizado nesta pesquisa, está relacionado aquele definido por Freire (1987) quando o autor nos alerta para o fato de que muitas pessoas com poder aquisitivo elevado se colocam em posições hierárquicas, detendo o poder e utilizando o mesmo para que os menos favorecidos realizem suas vontades e os mantenham na condição de poder. O autor ainda afirma que é ilusão considerar que o opressor possa querer tirar o oprimido desta condição, pois é justamente nessa relação que os mantem no poder.

Entretanto meus relatos estarão validando ou confrontando as ideias de autores utilizados como referência para fundamentar teoricamente essa pesquisa, são eles: Silva et al (2007), trazendo importantes contribuições sobre a educação do campo na região amazônica; Freire (1987; 1996), com a importância que a educação exerce quando possibilita ao sujeito compreender o contexto em que está inserido, podendo intervir e transformar a realidade em que vivem, enfatizando que para o sujeito do campo a educação é a melhor maneira para transformar a realidade em que vive e; Hage (2005), que mostra a realidade do povo camponês e as classes multisseriadas².

Os autores supracitados estarão mostrando a realidade do povo a quem os direitos vêm sendo negligenciados ao longo da história, exigindo de nossas crianças um esforço sobrehumano para conseguir frequentar a escola, que em péssimas condições os recebem, muitas vezes em classes multisseriadas³, sem merenda escolar ou material didático, com professores com pouca formação, que por sua vez é o diretor, coordenador, porteiro, faxineiro, secretário, executando todos serviços que forem necessários.

Nós, que vivenciamos essa realidade, percebemos que ainda hoje, as crianças do campo param de frequentar a escola muito cedo, casam-se ainda na adolescência e poucos retomam a trajetória escolar. Surge então a seguinte inquietação com o questionamento: quais os fatores relacionados a educação do campo afastam o sujeito camponês ribeirinho da sala de aula?

² Multisseriado é o adjetivo que possui várias séries, fileiras, etapas, classes ou categorias. Classe multisseriada. No sistema educacional brasileiro, diz-se das classes cujos alunos estão em níveis distintos de aprendizagem, mas são instruídos pelo mesmo professor. Etimologia (origem da palavra *multisseriado*). Multi + seriado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/multisseriado/>

Como acontece a formação dos professores que atuam nas escolas ribeirinhas?

Diante disso, tenho como objetivo refletir sobre a educação ofertada ao povo ribeirinho e os fatores que os afastam da sala de aula, fazendo com que muitos não concluam nem mesmo o Ensino Fundamental. E, como objetivos específicos:

- 1) Identificar as razões pelas quais muitos alunos ribeirinhos não conseguem concluir as etapas da Educação Básica;
- 2) Descrever as metodologias utilizadas pelos professores que atuam nas escolas ribeirinhas;
- 3) Refletir sobre a formação inicial de professores que atuam na educação ribeirinha do Município de Gurupá.

A metodologia escolhida foi uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica e a bibliográfica, que segundo Severino (2002), é um tipo de coleta realizada que utiliza informações da vida pessoal do pesquisador, em que pode expressar a trajetória pessoal do sujeito. Gil (2002) colabora dizendo que esse tipo de pesquisa nos possibilita realizar análises reflexivas entre as abordagens teóricas e as experiências vividas. Utilizou-se ainda uma abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (2002) deve ser empregada para identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente.

Sobre o gênero científico, optou-se pelo Memorial descritivo autobiográfico, em que Campos (2015), mostra que ele possibilita a inserção do sujeito não só no fazer do texto, mas em seu envolvimento com a temática abordada, refletindo sobre determinado tema, traçando paralelo entre teoria e práticas vivenciadas. Pois, o memorial permite o diálogo do sujeito com a sua área de atuação, uma vez que ele possibilita ao educando a percepção de seu papel social para a construção de sua identidade histórico e cultural, sendo ele aluno ou não, pois representa um conjunto de experiências adquiridas no decorrer de sua trajetória.

Esta pesquisa estrutura-se desta introdução, que consta a justificativa, os objetivos e a metodologia; como ainda cinco seções: 1) A memórias da infância, 2) Ensino Fundamental, 3) Ensino Médio, 4) Trajetória docente: experiência no multisseriado e, 5) Ensino Superior: sonho vira realidade; Considerações finais e Referências.

1. AS MEMÓRIAS DA INFANCIA

Sou Eliezer Pantoja Gonçalves, nascido em uma região ribeirinha, no dia 27 de julho do ano de 1992, na localidade do Rio Pucuruí, em uma comunidade chamada Bom Jardim, localizada na margem direita do Rio Amazonas, no município de Gurupá, estado do Pará. Sou filho biológico de Eduardo Lobato Gonçalves e de Raimunda de Almeida Pantoja, que hoje vivem na sede do município, sou o sétimo filho de uma prole de oito irmãos, sendo quatro homens e quatro mulheres, um já falecido, todos do mesmo relacionamento.

Posso dizer que minha infância foi boa, apesar das dificuldades que vivenciávamos. Porém, meu olhar de criança, na época, entendia como natural tudo que vivenciávamos, até porque era, e ainda é, a visão da maioria das pessoas dessa região. Para mim, tudo era brincadeira e diversão, com costumes tipicamente ribeirinho, pois nos divertíamos brincando de colher os frutos das árvores, correr pela floresta e tomar banhos de Igarapé³.

Os brinquedos eram fabricados por nós mesmo, com recursos da própria natureza como: perna de pau, balanço, bole-bole e o pião. O único brinquedo que minha mãe comprou na época para mim, foi um galinho de plástico que eu me acordava bem sedo para soprar o galinho que fazia um barulho igual ao canto do galo de verdade.

Porém a diversão era limitada, pois entre uma brincadeira e outra também ajudávamos nossos pais em algumas tarefas. Para complementar a renda familiar, minha mãe começou a vender tapioquina na folha de bananeira que era uma forma de conservar melhor o sabor. Meu pai e meus irmãos mais velhos eram responsáveis pela caça e a pesca, eu que era menor ficava em casa para ajudar nas tarefas com os produtos que minha mãe comercializava. Diante a vida difícil que tínhamos no interior de Gurupá, meu pais resolveram vir para a sede do município em busca de melhores condições para nós.

Chegando no município minha mãe soube que a prefeitura precisava de professores e que não era necessário comprovar grau de estudo. Em meados dos anos 80, o município de Gurupá era ainda mais carente de profissionais qualificados na área da educação, problema que ainda hoje vivenciamos, mas que naquela época era ainda pouco. Assim minha mãe que na época havia cursado somente até a 4ª série do Primeiro Grau (que hoje é Ensino Fundamental), foi até a Prefeitura pedir uma vaga para trabalhar como professora na zona rural, porém recebeu

³ Pequeno rio, um riacho por onde passa somente canoas. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/igarap%C3%A9/>

como resposta que não seria possível, pois a exigência para ser professor era de que a pessoa tivesse cursado no mínimo a 5ª série do 1º grau.

Nessa época o ensino era regido pela Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 5.692/71, que estabelecia os seguintes critérios de formação para o exercício da docência:

Art. 77. Quando a oferta de professores, legalmente habilitados, não bastar para atender às necessidades do ensino, permitir-se-á que lecionem, em caráter suplementar e a título precário;

a) no ensino de 1º grau, até a 8ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 4ª série de 2º grau;

b) no ensino de 1º grau, até a 6ª série, os diplomados com habilitação para o magistério ao nível da 3ª série de 2º grau;

c) no ensino de 2º grau, até a série final, os portadores de diploma relativo à licenciatura de 1º grau.

Parágrafo único. Onde e quando persistir a falta real de professores, após a aplicação dos critérios estabelecidos neste artigo, poderão ainda lecionar:

a) no ensino de 1º grau, até a 6ª série, candidatos que hajam concluído a 8ª série e venham a ser preparados em cursos intensivos. (BRASIL, 1971).

Como é possível perceber, a própria lei, reconhecia a carência de professores habilitados, permitindo o exercício da docência de forma precária, em caráter suplementar. Assim minha mãe muito certa daquilo que queria se matriculou em uma escola para cursar a 5ª série do referido 1º grau e, ao final do ano foi lecionar na zona rural do município, em uma comunidade chamada Buiço que faz divisa com o município de Melgaço no Pará.

Naquela escola ela era professora, servente, diretora e todas as outras funções que tem em uma escola, pois como era uma localidade muito distante que ficava difícil de alguém da coordenação chegar até a localidade. Mesmo com tantos afazeres minha mãe não desistiu do trabalho, pois naquela época as coisas eram bem difíceis, tanto para alimentação quanto para vestimenta, haja vista se tratar de uma família com mais de oito crianças para alimentar e que, com muito esforço dos meus pais nunca passamos fome, sempre tínhamos algo para comer.

Minha mãe além de trabalhar na escola, ainda complementava nossa renda fazendo vendas, uma delas era de tapiquinha na folha da bananeira e coco ralado por cima, que ficava uma Delícia, eu mesmo ia vender, tendo apenas uns 10 anos de idade, não tinha vergonha, achava divertido. Na região onde moro é comum crianças trabalhando, vendendo alguns tipos de alimentos, tipo coixinha de vários sabores suco, peixe, camarão, verduras, incentivados e ensinados pelos próprios pais, pois as famílias, na maioria das vezes são numerosas e as crianças também ajudam no trabalho para o sustento de todos.

De acordo com Brandão (2011), quando vamos rever a história do Brasil com relação à educação no campo, percebemos que o processo de exclusão social e política deste povo sempre estiveram presentes em seu cotidiano, sendo tratados por eles, até bem pouco tempo, como “natural”. Durante muito tempo, eu também via essas atividades como normais, porém as leituras que precisei fazer para construção deste trabalho me fizeram perceber que, apesar de ser um costume da região, essas atividades podem interferir no desempenho escolar delas. De acordo com Hage (2010) é importante entendermos que:

[...] as condições precárias de vida dos sujeitos do campo impõem a realidade do trabalho infanto-juvenil e em determinadas situações, prejudicam a frequência e aprendizagem na escola, constituindo-se em fatores que se encontram na base do fracasso escolar. (HAGE 2010, p. 07):

De fato, apesar de achar divertido e saber que estava ajudando meus pais, o fato de estar na rua trabalhando impedia que eu me concentrasse nos estudos, ou mesmo tirasse um tempo para rever as matérias que foram ministradas na escola, assim posso dizer que minha trajetória escolar foi marcada por muitas dificuldades de aprendizagem, mas lembro que mesmo com tudo isso sempre tive consciência da importância dos estudos.

Quando rememoro esses fatos sinto-me honrado em fazer parte deste universo, pois refletindo sobre o nosso modo de vida que é muito próprio de quem mora aqui, lugar de pessoas simples, mas com rico conhecimento cultural e histórico. Um povo que vem lutando para ter seus direitos básicos atendidos pelo poder público, que historicamente tem nos deixado a margem da sociedade, reforçando a ideia de povo inferior que foi estabelecida na mentalidade dos ribeirinhos durante muito tempo e que através da educação estamos aos poucos nos conscientizando e como também as próximas gerações de que é exatamente o contrário, pois somos um povo rico de cultura e de conhecimentos.

Para corroborar com a colocação acima, faço minhas as palavras de Dias (2015), quando o mesmo fala sobre a educação ofertada ao povo do campo, mostrando que devemos compreender que ela sempre atendeu aos interesses sociais, visto que historicamente, no modelo de desenvolvimento brasileiro, comandado pelas elites, durante muito tempo acreditava-se que a população rural não precisava aprender a ler e escrever, numa clara negação do direito de acesso e permanência na escola, bem como predominava o entendimento de que rural era tudo o que sobrava do urbano e era sinônimo de atraso.

A vida de quem mora nas regiões afastadas da cidade não é fácil. Lembro que saíamos de casa antes de amanhecer e mesmo assim, muitas vezes não chegávamos até a escola, pois

íamos em uma canoa pequena, que chamamos de casquinho, e em alguns períodos do ano, o nível do rio baixava e tínhamos que ir com muito cuidado, por conta da correnteza e os galhos de árvore que tinha no igarapé, faziam com que a pequena embarcação virasse.

Com isso, muitas vezes quando conseguíamos chegar à escola, mas com as roupas molhadas. Entretanto as vestes eram apenas um detalhe diante da escola que nos recebia, pois esta, era na verdade o pátio de uma casa, que fora cedida para que pudéssemos estudar. O local atendia todas as crianças da localidade, com isso havia mais alunos que carteiras e muitos de nós precisávamos ficar de pé, ou sentar no chão mesmo. Correlacionando, Hage (2006) destaca:

Em geral, essas escolas são alocadas em prédios escolares depauperados, sem ventilação, sem banheiros e local para armazenamento e confecção da merenda escolar, possuindo estrutura física sem as condições mínimas para funcionar uma escola. Há situações em que não existe o número de carteiras suficientes, o quadro de giz encontra-se danificado; e em muitos casos, essas escolas não possuem prédio próprio funcionando em prédios alugados, barracões de festas, igrejas ou mesmo em casa de professores ou lideranças locais. Os professores e estudantes enfrentam muitas dificuldades em relação ao transporte e às longas distâncias percorridas para chegarem à escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, a cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornadas que chegam a 12 Km e 8h diárias. (HAGE, 2006, p. 02).

Essas lembranças me fazem refletir sobre a minha história, hoje acredito que para nós, povo ribeirinho, as políticas públicas e até mesmo os direitos básicos de qualquer cidadão brasileiro, são, na maioria das vezes negligenciados. Todavia também tenho consciência de que essa reflexão só foi possível porque consegui estudar e chegar até ao Ensino Superior na Universidade.

No entanto, a maioria do povo do campo, pouco conhece sobre esse assunto e, ainda hoje aceita a condição de povo inferior e de conhecimento com menor importância, neste aspecto, percebo que ultrapassamos décadas aceitando o pouco, ou quase nada que chega até nós, principalmente o que se refere aos serviços básicos ofertados pelo poder público. Por isso acredito que devemos lutar por uma educação que valorize nosso modo de vida e de produção.

De acordo com Freire (1987, p.28):

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade” [...] Os critérios de saber que lhes são impostos são os convencionais. Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens. (FREIRE 1987, p. 28):

Arroyo (2004) explica que a educação é um direito de todos e está consolidada nas políticas públicas do nosso país, que também trazem em seu texto a importância de se garantir aos sujeitos um ensino voltado ao respeito da cultura e a forma de vida de cada um.

Muitas vezes fiquei distante das atividades escolares para ajudar na coleta do açaí na época da safra, um exemplo de que tais atividades prejudicaram o bom andamento da minha vida escolar foi meu processo de alfabetização, que somente aconteceu nos onze anos de idade, mostrando que o trabalho, a distância e a falta de um ensino que valorize o contexto em que vivemos, que respeite os nossos limites e a nossa forma de vida, são fatores que precisam se considerados pelo poder público.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9.394/96 em seu Artigo 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, as peculiaridades da vida rural e de cada região especialmente: a) conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural b) organização escolar própria, incluindo adequação de calendário escolar as fases do ciclo agrícola e as condições climáticas, c) adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996).

Cabe ressaltar que a população rural a qual se refere à Lei, explica Hage e Barros (2010) é representada pelos povos: caboclos, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem-terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos, oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro sul do país, entre outras.

Esses povos obtiveram ganhos com Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), pois foram abertos precedentes legais e jurídicos para a possibilidade da implantação de uma educação que respeitasse a identidade do homem e da mulher do campo. Como é possível perceber, se as políticas públicas realmente chegassem até nós de forma efetiva, as questões relacionadas a educação do campo tomariam outras discussões que não a do baixo desempenho, da evasão e do abandono da escola.

2. ENSINO FUNDAMENTAL

Por volta dos anos 2004 iniciei minha vida de estudante, na qual estudei da 1ª a 4ª série com a minha matriarca na zona rural, na comunidade chamada Bom Jardim que fica no Rio Pucuruí no Município de Gurupá – Pá, onde cursei as séries, no turno da manhã, pois era o melhor horário para estudar, sendo que pela tarde não era bom por conta do sol que ficava de

frente com a pequena salinha que estudávamos, e ficava bastante quente, e sem possibilidade de estudar no turno da tarde.

Para continuidade dos estudos, meus pais pensando em um futuro melhor para todos nós, em 2008 nos matricularam na Escola Raimundo Ribeiro Dias já na sede do Município, lá cursei da 5ª até 8ª série do Ensino Fundamental que ainda era uma etapa que contava com oito séries, no período compreendido por volta de 2004. Os professores por sua vez, utilizaram metodologias que pouco contribuía para que eu fosse desenvolvendo minha aprendizagem, eram muito severos com os alunos.

Os alunos tinham muito medo porque eles puxavam as nossas orelhas quando errávamos alguma atividade, perdi até a conta de quantas vezes cheguei com minha orelha ardendo de tanto a professora puxar. Mas achava que era para meu bem, e não falava para meus pais, mas hoje relembro esses fatos sujem em mim um sentimento de revolta.

As aulas que primavam pela cópia e memorização de conteúdos que eram escritos a giz, no quadro negro. Porém, para um aluno que como eu com dificuldades em leituras e escrevia bem devagar, e isso tenho para mim que atrapalhava a professora a continuar as atividades dela e dos demais colegas, os desafios foram muito maiores. Então copiava, porque só poderia ir pra casa se copiasse tudo o que estava escrito na lousa.

De acordo com Freire (1996), o educador deve ter muita atenção com relação as suas atitudes em sala de aula, pois elas marcam positiva ou negativamente o educando. Pensando nisso, hoje, com as vivências que possuo de sala de aula, bem como os conhecimentos que adquiri no decorrer do Curso de Pedagogia, levam-me a supor que minha professora não percebia as dificuldades dos alunos, pois suas aulas eram sempre com ela falando e os alunos obedecendo.

Com relação a metodologia utilizada pela professora, Freire (1996), nos mostra que o educador não deve inibir ou dificultar a curiosidade dos alunos, muito pelo contrário, deve estimulá-la, pois dessa forma desenvolverá a sua própria curiosidade. E ela é fundamental para desenvolver a imaginação, intuição, capacidade de comparar, transformar e transcender.

Complementando a colocação anterior de Freire (1996), Carbonell (2002), enfatiza que a aprendizagem só acontece, quando está presente o desejo, a motivação e o mínimo de fabulação. Portanto, para que haja aprendizagem, é necessário instigar a curiosidade do aluno, despertar o aumento da autoestima.

As lembranças desse período se resumem aos cartigos e as atividades de memorização, fato que hoje vejo como prejudicial para minha aprendizagem, haja vista que não havia estímulo para leitura e escrita ou mesmo para os debates.

Hoje, após meus estudos no Curso de Pedagogia, entendo que as atividades precisam possibilitar e fazer com que o aluno descubra suas habilidades, que sejam estimuladas e vivenciadas através de experiências concretas e significativas, para que aprenda a conhecer suas emoções, pensamentos, imaginação, sentimentos e sobre tudo, precisam ser significativas e atrativas para o aluno.

3. ENSINO MÉDIO

Ingressei no Ensino Médio no ano de 2013, fiquei muito feliz em poder dar aos meus pais esse orgulho, pois dos filhos homens, eu seria o unico que havia concluído o Ensino Fundamental e estava iniciando o Médio, posto que sempre nos lembravam que para ter um futuro melhor era necessário estudar.

No entanto, ao iniciarem as aulas, minhas dificuldades vieram à tona, eram muitas disciplinas, muitos conteúdos, mas logo de primeira fiquei atento para tudo que os professores falavam, pois tinha que trabalhar durante o dia e estudar a noite. Sempre fui um garoto esperto e sempre quis ter minhas coisas e, claro ajudar meus pais na renda familiar, para isso, comecei a trabalhar em uma serraria próximo da cidade, um trabalho muito ariscado e que precisava de muita atenção, pois qualquer descuido poderia acarretar em acidente grave. Sendo que as vezes não chegava a tempo de entrar na escola por conta do cansaço de vim de bicicleta para cidade para chegar a tempo para assistir as aulas, pois chegava exausto, e com muita vontade de ir para escola, pois sempre soube que os estudos iam me tirar da quela vida de trabalho, que por sua vez era muito ariscado e cansativo.

Como para mim estava sendo um ano muito puxado para trabalhar e estudar, pensei várias vezes e desistir de estudar para ficar apenas trabalhando com a perspectiva de que isso ia me ajudar a desenvolver um ótimo trabalho na serraria, sendo que nesse ano foi um desperdício de aprendizagem para mim, pois não me concentrava nem na escola e nem no serviço, tendo um prejuízo nas minhas médias no final do ano. Foi então que desistir quase no final do segundo semestre, perdendo o ano todo sem uma justificativa boa. Uma grande besteira que fiz.

Em 2014 retomei os estudos e nesse ano passei para o 2º ano do Ensino Médio, nesse ano teve muitas mudanças na minha vida profissional e estudantil. Quando estava cursando já

o 2º ano do Ensino Médio, tive a oportunidade de trabalhar de auxiliar de mecânico de bicicleta já na cidade.

Nesse período as coisas começaram a melhorar e meu acesso à escola, pois não chegava cansado para estudar, não tinha que pedalar por vários quilômetros até chegar em casa e ir para escola. O único problema era que eu chegava cheirando a graxa na sala de aula, mas isso não atrapalhava minha vontade de estudar e aprender mais, assim foram os dois anos até concluir o Ensino Médio já em 2016, foi quando comecei a trabalhar de moto táxi, sendo que minha matriarca sempre me ajudou em tudo. Mesmo diante de tantas dificuldades nunca deixei de acreditar que o estudo é e, sempre será a melhor escolha a ser feita.

No entanto percebo que nós, moradores das regiões do interior do estado, passamos por situações que requer de nós esforço redobrado. Fato que fica ainda mais complicado pelo fato de que os educadores, talvez por falta de preparo, não procuram estratégias que possam tornar o processo escolar menos tenso e complicado. Precisamos conscientizar educadores e gestores da importância que existe em adequarmos as metodologias de acordo com cotidiano do aluno.

Vale Lembrar que esse período foi bastante complicado, mas meu sonho em concluir o Ensino Médio e depois cursar uma universidade era maior do que qualquer dificuldade. As disciplinas eram bem complexas, o que exigia de mim, empenho e dedicação, com aprendizados, que levarei para a vida toda.

Cabe ressaltar que poucos professores se importavam com os alunos, tampouco procuravam conhecer nossa realidade, essa relação professor – aluno, só melhorou um pouco, quando passei para o terceiro ano, no turno da noite, pois os professores sabiam que trabalhávamos durante o dia e com isso, nos davam atenção diferenciada.

Para Freire (1996), o bom professor não deve ensinar somente o bê-á-bá, mais sim ensinar que ele vive num mundo onde há diferentes culturas e que querendo ou não elas influem em sua vida diária e que influenciam no seu futuro como pessoa. Ele destaca ainda que o educador não deve se fechar no seu mundinho de passado glorioso, mas que abra as portas do futuro ao educando fazendo-o vivenciar seu presente da melhor forma possível, que possa distinguir o bem do mal, analisar os conflitos sociais e até tentar resolvê-los, eis aí a mais bela missão do educador: “Educar para a vida”.

Essas recordações me permitiram entender que pequenas atitudes do professor podem fazer significativas transformações para seus alunos, caracterizando a inclusão de fato a todos

os atores do contexto escolar. As dificuldades eram grandes, porém concluí meu Ensino Médio e a vontade de cursar uma universidade era enorme. Mas esse ingresso não era fácil, principalmente pra um estudante de escola pública que não estava cursando um cursinho prévestibular.

4. TRAJETÓRIA DOCENTE: EXPERIÊNCIA NO MULTISSERIADO

Em 2017, tive uma oportunidade de iniciar minha vida docente e, mesmo sem nenhuma experiência profissional para ministrar aula, fui lotado para a mesmo polo em que minha mãe iniciou sua vida como educadora. Nessa localidade iniciei com uma classe multisseriada, eram mais de 18 alunos, para serem ensinados por um professor sem formação acadêmica, mas com muita vontade de trabalhar, não só para ter um salário final do mês, mas com a mesma perspectiva que minha mãe tinha de ensinar aquelas crianças e mostrar que elas poderiam transformar a realidade em que viviam.

Mesmo com todo o desejo de fazer a diferença na vida dos alunos, quando cheguei pela primeira vez na escola Bom Jesus do Rio Pucuruí, foi um desastre, pois mesmo sabendo que ia trabalhar com crianças de 5ª ano, pensei que todos sabiam ler e escrever, e foi quando me deparei que 80% da turma não conhecia nem o alfabeto. Quando percebi que aquele desafio era maior do que eu esperava, voltei para a cidade de Gurupá e fui pedir ajuda para minha mãe que já era professora experiente, e ela me ensinou que para alfabetizar os alunos teria de utilizar estratégias diversificadas de alfabetização.

Foi aí que conheci os recursos lúdicos como importante instrumento didático que pode contribuir para o desenvolvimento do ser humano, e pode auxiliar na aquisição de novos conhecimentos, podendo também facilitar o processo ensino aprendizagem, pois através das atividades lúdicas pode-se explorar a criatividade e melhorar o processo de ensinoaprendizagem. Contudo o professor precisa apropriar-se do brincar, inserindo-o no universo escolar, com isso, instiga a criança à descoberta, à curiosidade, ao desejo de saber. A criança tem no professor um parceiro, pois para Kishimoto (1994) este assunto é entendido da seguinte forma:

O jogo educativo tem a vantagem de aliar contentamento e aprendizagem. Ela afirma também que muitos autores, ao tratar dessa temática, tentam conciliar a tarefa de educar com a necessidade irresistível de brincar. Nessa junção surge o jogo educativo, um meio de instrução, um recurso de ensino para o professor e, ao mesmo tempo, um fim em si mesmo para a criança que só quer brincar. (KISHIMOTO, 1994, p. 18).

Para Antunes (2003) é importante o conceito que envolve a ideia de jogo “jogos que divertem” e “jogos que ensinam”, pois um tem por objetivo a interação em duas ou mais pessoas, ou seja, ele é o brinquedo que estimula a interação, sendo melhores definidos como estimuladores das relações interpessoais entre dois ou mais sujeitos realizada dentro de determinadas regras. Já o outro utiliza regras, porém de forma planejada e com objetivo em estimular aprendizagem. Deixando clara a diferença entre jogo e brinquedo, pois os jogos bem organizados pelos educadores ajudam as crianças a ampliarem seus conhecimentos na atividade lúdica.

De acordo com Soares (2004) ao longo das duas últimas décadas é que se buscou estratégias para que o ensino tradicional não fosse mais utilizado para alfabetizar e esqueceram de que a alfabetização é um período importantíssimo e que seria necessário alfabetizar, mas que também era imprescindível que o letramento acontecesse de forma concomitante. Com isso Soares (2006) destaca:

Várias causas podem ser apontadas para essa perda de especificidade do processo de alfabetização; limitando-me às causas de natureza pedagógica, cito, entre outras, a reorganização do tempo escolar com a implantação do sistema de ciclos, que, ao lado dos aspectos positivos que sem dúvida tem, pode trazer – e tem trazido – uma diluição ou uma preterição de metas e objetivos a serem atingidos gradativamente ao longo do processo de escolarização; o princípio da progressão continuada, que, mal concebido e mal aplicado, pode resultar em descompromisso com o desenvolvimento gradual e sistemático de habilidades, competências, conhecimentos. Não me detenho, porém, no aprofundamento das relações entre esses aspectos – sistema de ciclos, princípio da progressão continuada – e a perda de especificidade da alfabetização, porque me parece que a causa maior dessa perda de especificidade deve ser buscada em fenômeno mais complexo: a mudança conceitual a respeito da aprendizagem da língua escrita que se difundiu no Brasil a partir de meados dos anos de 1980. (SOARES, 2006, p.10).

Nesses momentos é que a formação específica nos fazem muita falta, pois ficamos com a sensação de impotência diante de algo que não dominamos e não conseguimos realizar algo que desejamos. Segundo Paulo Freire (1996), há diferença entre dizer que não sabe, mas pode aprender e mentir que sabe para não perder a pose, o bom educador certamente optará pela primeira, no entanto o despreparo do professor não pode tornar-se constante. Não se pode admitir como educador um sujeito de omissão, mas sim de opção. Ainda segundo Freire (1996,p. 122): “Ensinar exige tomada consciente de decisões”.

Hoje recordo das aulas do Parfor com saudosismo, pois desde o primeiro dia de aula eu já sabia que esse, seria o maior desafio da minha vida, mas o mais proveitoso no sentido de aquisição de conhecimentos, foi uma grande jornada acadêmica em que posso afirmar que, em muitos momentos me identifiquei com algumas disciplinas, estágio em organização em gestão

do trabalho pedagógico, Educação Estética, prática da educação, história da educação, libras, arte, entre outras. Lembro-me os estágios, durante o curso.

Grato a cada professor e professora que passou com sua teoria, com suas aulas dinâmicas e criativas, aprendi que é necessário que o docente esteja em constante processo de formação e aprendizado. Tive também um grande privilégio de conhecer pessoas muito especiais, os colegas da turma, conhecer a experiência de cada um. Uma frase que sempre os colegas da sala falavam “que nas dificuldades encontra-se as oportunidades”. Pois passamos por grandes dificuldades, mas através de todas as barreiras tivemos também a oportunidade de crescer como pessoa ser humano e profissionalmente.

Estes relatos me permitem dizer que minha prática, é resultado dos conhecimentos que fui adquirindo e buscando, pois sem ter formação para estar em sala de aula, foi a forma que encontrei para exercer minha função da melhor forma possível, fato que pode ser percebido que Tardif (2005) explica que, as práticas pedagógicas que o professor utiliza em sala de aula é uma soma daquelas que ele esteve em contato. Fazendo-me refletir sobre a importância de uma formação continuada, do professor estar atualizado e buscar novas metodologias que possam suprir as necessidades de seus alunos.

Sempre fui consciente de que precisava estudar mais, adquirir mais conhecimentos, então passei a conversar com pessoas mais experientes, busquei ler sobre assuntos voltados à prática de ensinar, pois compreendi que desta forma poderia ajudar mais meus alunos e hoje um fato que me chama atenção é de que minhas aulas se tornaram muito mais produtivas quando passei a trabalhar as histórias contadas pelos próprios alunos. Nesta perspectiva, mais uma vez Freire (1985) pontua que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE 1985, p. 13).

O autor nos leva a compreender que a leitura proporciona ao indivíduo uma autonomia em todos os segmentos da sociedade, oferecendo também acesso à cultura geral. Foi após esta consciência, que passei a compreender que era necessário desenvolver esse hábito. Ser professor para mim foi uma descoberta, que todos os dias percebo que preciso aprender algo novo. De acordo com Freire (1996, p. 58) "Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática".

Acredito que nesses momentos em que eu refletia sobre minha prática e o desejo de melhorá-la, pois muitos professores, mesmo tendo sido assíduos, estudiosos e brilhantes, tiveram de aprender na prática, estudando, pesquisando, observando, errando muitas vezes.

Um dos métodos que aprendi foi o (bingo silábico) que ajudou muito a alfabetizar a turma e melhorar a leitura de quem já sabia ler, foi uma metodologia muito interessante e eles gostaram de fazer. Para Ferreiro e Teberosky (1985), para alfabetizar uma criança, o educador necessita compreender que toda criança passa por quatro fases antes de serem alfabetizadas: pré-silábica quando não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; a silábica interpreta a letra a sua maneira atribuindo valor de sílaba a cada uma; a silábico-alfabética mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; e a alfabética quando domina o valor das letras e sílabas.

Tais acontecimentos me trouxeram a consciência de que precisava estudar mais, conhecer mais se caso eu quisesse continuar na carreira docente que para nós aqui do município de Gurupá é uma das únicas profissões que tem emprego garantido, já que a prefeitura é a que mais emprega pessoas. Assim passei a vislumbrar um curso superior.

5. O ENSINO SUPERIOR: SONHO VIRA REALIDADE

Na escola em que trabalhava ouvi falar do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR) um curso de formação inicial para professores da Educação Básica para quem não possuíam formação específica para trabalhar em sala de aula. Com a oportunidade de ingresso no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal do Pará que é um programa emergencial instituído para atender o disposto no artigo 11, inciso III do Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009.

No município de Gurupá - Pará, havíamos turmas matriculadas em outras cidades como Porto de Moz, Altamira e Vitória do Xingu, mas uma turma cursando na nossa cidade, foi a primeira e esperamos que não seja a última, pois compartilhamos de muitos saberes com docentes qualificados da Faculdade de Educação, *Campus* Universitário de Altamira e de Belém da Universidade Federal do Pará.

No segundo ano de docência me escrevi, em 2018 recebi a notícia de que havia sido selecionado para o curso de Licenciatura em Pedagogia. Parecia que estava sonhando, iria

estudar um curso de graduação no meu município e ainda fornecido pela maior Universidade Federal do Pará.

Contudo, o início das aulas foi em janeiro de 2019, com Polo da Universidade Federal do Pará, na nossa cidade, em Gurupá – Pará, no período intercalar, nas férias docente. Foram muitas disciplinas, todas elas me fizeram refletir sobre a docência, o pensar crítico, a prática (docente, a avaliação, o currículo e principalmente sobre a educação especial que mais tarde seria a minha primeira opção de Trabalho de Conclusão de Curso.

Muito do que aprendi já busco colocar em prática como educador, por exemplo: explorar o conhecimento que o aluno traz em sua bagagem cultural, valorizar e entender o espaço e o tempo no qual meus educandos estão inseridos.

Acredito que essa experiência não tem preço que pague, cada disciplina enriquecia ainda mais nossas vivências, principalmente com a ajuda de professores tão dedicados em promover uma mudança no cenário educacional no qual estamos inseridos de desvalorização da educação como um todo.

Cada professor trouxe em sua bagagem cultural suas experiências, seus saberes que com as dos autores que falam sobre a educação e o desenvolvimento humano.

Esses olhares reflexivos sobre a realidade educacional do outro acredito, que devo aos professores que muito me ajudaram como: Fernando Farias, professora Dienne Pontes, Deivis Castro, Aline da Paixão, Maria Izabel, Luiz Carlos Bezerra, ou seja, todos que vieram para nosso município com objetivo de plantar uma semente de renovo na educação brasileira. Hoje percebo a preocupação, que eles tinham de nos cobrar bastante em suas aulas.

Nossa primeira disciplina foi Psicologia da Educação com a professora Maria Izabel. Não tenho como me esquecer dela foi a primeira, já nessas primeiras leituras vimos o quanto seria gratificante estudar um curso de graduação e permanecer até o final, compreendendo a importância do conhecimento e de estar sempre aprendendo. Como pontua Freire (1996):

Nos adverte para que não sejamos demasiado convictos de nossas certezas e que todo novo conhecimento pode superar o já existente, sendo necessário ao professor(a) sempre exercer o hábito da **pesquisa** (capacitação profissional e promoção social para evitar tornar-se obsoleto), para poder saber o que ainda não sabe e comunicar as novidades aos alunos(as), fazendo que a curiosidade dos mesmos transite da ingenuidade do senso comum à "**curiosidade epistemológica**". (FREIRE, 1996, p. 29).

A cada vez que iniciava as aulas no período das férias era uma nova descoberta, cada disciplina nos enriquecia, não somente como educadores mais também como seres humanos, viventes numa sociedade elitista, capitalista, na qual as melhores condições de saúde, educação infraestrutura de ponta estão disponíveis para uma minoria. Esse anseio de melhorias muitas vezes se tornava frustrado, principalmente quando chegava em algumas escolas que não tinham uma boa estrutura, sendo que em Gurupá são poucas as escolas que tem uma estrutura adequada para atender as demandas da universidade, pois o descaso do poder público em todas as esferas sócias.

Na sala de aula não era diferente, quando avaliava as crianças com as provas todas descontextualizadas sem nenhuma relação com o meio no qual ele estava inserido. Não se tratava somente de passar uma prova escrita, mas a formação desse aluno que estava sendo prejudicada, que somente iria concordar com o sistema e não buscar meios para interferir na sua e demais realidades.

Hoje posso dizer que compreendo Freire (1996) quando diz que devo estar sempre refletindo sobre o que sei e o que ainda devo saber, que devo buscar conhecimento, pois é assim que poderei educar pessoas e me educar, somente a pesquisa me mostrará novas metodologias, novos conceitos e é assim que poderei transformar a realidade em que vivo e ensinar meu aluno que ele também poderá fazer o mesmo.

Portanto é esse o caminho que pretendo seguir, da pesquisa, da busca e a consciência de que é estudando que poderei transformar a mim e a todos aqueles a quem me couber a difícil e prazerosa missão de ensinar.

Acredito que o parfor mudou muito a minha maneira de ver a formação docente fato que se reflete na minha pratica diária, me dando o suporte necessário para atuar hoje como professor na sala do Aee, pois em Novembro de 2018, fui demitido, fato que ocorre todo ano aqui em Gurupá com as pessoas contratadas pela prefeitura, e eu sou uma dessas, no ano seguinte, tive a proposta de trabalhar na cidade sendo que seria na mesma escola que estudei o Ensino fundamental, só que a proposta era trabalhar com a educação especial, tendo em vista que eu ainda não tinha terminado a graduação, e como sempre sem nem uma experiência de trabalhar com esse público que precisa de muita atenção e carinho para trabalhar com essas crianças. Um desafio para mim, o detalhe é que no municipio de Gurupá, são poucos os professores que tem uma especialização na área, e quem tem não quer trabalhar com a área, ou detalhe na escola onde foi dado esse desafio, tem apenas uma professora que tem formação qualificadas e não quer assumir a turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial teve o objetivo, descrever minha trajetória como aluno e como professor do campo, mostrando os caminhos que percorri para concluir minha formação em nível superior. Uma trajetória bem difícil, porém, com lembranças positivas, que sempre me impulsionaram a não desistir e continuar acreditando que seria através do estudo que eu conseguiria mudar a situação em que vivia.

Através desta pesquisa pude concluir que, apesar da educação ser um direito de todos, validado pelos documentos oficiais, que trazem como obrigação do estado o acesso e a permanência do aluno na escola, no entanto, não é o que observamos nas regiões do campo, no caso de Gurupá, posto que ainda não é assegurado a eles condições melhores, para além do acesso, é necessário investir em políticas públicas que favoreça a qualificação dos professores para que estes possam atuar e proporcionar aprendizagem significativas.

Outra constatação é de que as turmas multisseriadas são um desafio, mas que ao mesmo tempo podem ser uma possibilidade para a escola do campo, porém seria necessário proporcionar formação adequada aos educadores, que eles pudessem articular os conhecimentos que os educandos trazem de seu cotidiano com os conteúdos curriculares, proporcionando assim a união entre: realidade, educação, cultura e conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento. Sendo assim poderia promover um ensino de qualidade, significativo valorizando os saberes, culturas, experiências, realidade do aluno no campo, dentre outros.

Entretanto, sabemos que formar professores nessa perspectiva envolve muito mais que o conhecimento dos conteúdos necessários à prática educativa, mas sim, a relação desses com o espaço rural, os saberes, e a forma de vida da população que constrói a sua existência e se constitui enquanto sujeitos de ação.

Compreendo que não podemos atribuir somente ao professor os problemas da educação do campo. Porém, sua formação e conseqüentemente sua atuação de forma direcionada aos sujeitos camponeses poderia amenizar as dificuldades na construção da aprendizagem desse alunado. Sendo assim, que esta prática deve estar centrada em fazer vigorar a construção do saber, levando em consideração alguns aspectos como: o conhecimento prévio, as informações e opiniões através da oralidade e da escrita e um relacionamento afetivo e solidário, sempre se dispondo a ajudar, aliviando e/ou amenizando as angústias dos alunos e buscando juntos a solução das dificuldades encontradas no decorrer de todo processo educativo na multissérie.

Reconheço que é imprescindível a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conhecedores dos seus direitos para que possam ter a perseverança e coragem de lutar por seus objetivos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, MIGUEL G. **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: à procura de novos significados.** *educ. soc., campinas*, v. 31. 2010

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C(Org.). *Por uma educação do campo.* Petrópolis: Vozes, 2011.

BOCK, A. M. B. **Psicologias** – Uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. São Paulo – Saraiva, 2007.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre as necessidades educativas especiais.** Brasília, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), 1994.

CAMPOS, Magda. **Manual de gêneros acadêmicos: Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto de Pesquisa, Artigo científico/paper, Normas da ABNT.** Mariana-Mg, 2015.

CARDOSO, Daniela Rodrigues. **Dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar: o que dizem as professoras de 1º a 4º série de uma escola pública municipal de Pelotas.** Monografia de Conclusão de curso. Pelotas, UFPEL, 2009.

CARVALHO, Rosita Édler. **Educação Inclusiva: Com os Pingos nos “is”.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

CORREIA, L. de M. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares.** Porto, Portugal: Porto, 1999.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: Em três artigos que se completam.**-São Paulo: Autores Associados: Cortez. 1989. (coleção polemica do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

GIANCATERINO, Roberto. **Escola, Professor, aluno: os participantes do processo educacional.** São Paulo: Madras, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A.2002.

HAGE E BARROS. Salomão Antônio Mufarrej e Oscar Ferreira. **CURRÍCULO E EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA: referências para o debate sobre a multisseriação na escola do campo constituição de 1946.** autêntica, 2010.

HAGE, S. M. **Movimentos sociais do campo e afirmação do direito à educação: pautando o debate sobre as escolas multisseriadas na Amazônia paraense.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 87, n. 217, p. 302-312, set./dez. 2004

HAGE, SALOMÃO MUFARREJ. EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA: RETRATOS DE REALIDADE DAS ESCOLAS MULTISSERIADAS NO PARÁ / (ORG.). - BELÉM: GRÁFICA E EDITORA GUTENBERG LTDA, 2005.

JANUZZI, Gilberta de Martinho. A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI. Campinas. Autores Associados, 2004. Coleção Educação Contemporânea.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão é o Privilégio de Conviver com as Diferenças. In Nova Escola, maio, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. p. 43-44.

MAZZOTTA, Marcos J.S. Educação Especial no Brasil: História e políticas públicas.

5ª ed., São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MENDES, E.G; ALMEIDA, M. A; WILLIAMS, L. C. de. Temas em educação especial: avanços recentes. São Carlos: EdUFSCAR, pp.221-230, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Denise de Souza. **A expansão da educação especial e o trabalho docente: um estudo sobre o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) na UFPA.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Federal do Pará e Programa de Pós-Graduação em educação, Belém, 2012.

PARÁ. **Resolução 304 de 25 de maio de 2107.** Conselho Estadual de Educação do Pará.